

Caminhos Dialógicos entre Psicologia, Arte e Educação: Entrevista com Walter Melo¹

Dialogical paths between Psychology, Art and Education: Interview with Walter Melo

José Davi de Almeida Lira, Sarah Stella Bomfim, Henrique Barçante e Walter Melo

O entrevistado é o professor Walter Melo, uma referência nacional no estudo da psicologia analítica de C.G. Jung e um dos maiores estudiosos da obra de Nise da Silveira. Ele é professor associado do Departamento de Psicologia (DPSIC), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), onde coordena dois grupos de pesquisa — Núcleo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Saúde (NEPIS) e Grupo Caminhos Junguianos — e a Cátedra Nise da Silveira. Esses grupos integram terapeutas, artistas e pesquisadores de todo o país que se debruçam sobre temas relacionados à saúde pública e à psicologia analítica. Além disso, o professor orienta pesquisas de iniciação científica para estudantes de graduação em Psicologia da UFSJ e, em âmbito de mestrado, doutorado e pós-doutorado, nos programas de pós-graduação em psicologia da UFSJ e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Sua trajetória é profundamente marcada por diversas experiências no campo da saúde mental, notadamente na Casa das Palmeiras, clínica fundada por Nise da Silveira.

Com o desejo de expandir os conhecimentos como profissionais de psicologia e pesquisadores, os entrevistadores entraram em contato com o professor Walter em diferentes períodos e foram recebidos e acolhidos no Grupo Caminhos Junguianos. Nesse espaço de trocas, encontraram um enorme potencial de crescimento e amadurecimento. Pode-se dizer que as diretrizes de trabalho de Nise da Silveira — liberdade, atividade e afetividade — moldaram a abordagem terapêutica, mas também a conduta do professor Walter como educador e docente.

Esta entrevista percorre a trajetória profissional e acadêmica do professor e se organiza em três grandes tópicos: formação profissional; trabalho e pesquisa com a doutora Nise da Silveira; e inserção na universidade. Assim, debatemos sobre práticas no campo da saúde, sua colaboração na Casa das Palmeiras, a intensa e frutífera relação entre psicologia e arte, além de seus projetos e pesquisas no campo da educação.

Davi Lira: Boa tarde, professor Walter. É um prazer ter a oportunidade de entrevistar você. Como organizamos nossa entrevista por blocos de perguntas, vou dar início ao primeiro deles, que trata de sua formação profissional. A primeira coisa que gostaria de saber é se existe um acontecimento específico anterior à graduação que marcou sua escolha pela Psicologia.

Walter Melo: Não. Lembro que gostava muito de estudar matemática. Talvez por causa do ambiente de casa, pois meu pai trabalhava com contabilidade e meu irmão mais velho fazia engenharia. Todos pensavam que eu estudaria engenharia. Na escola, tive uma experiência de treinamento como técnico de laboratório, o que apontava, por sua vez, para os estudos

¹ Esta entrevista está inserida nas atividades da pesquisa “A Construção do Discurso na Obra de Nise da Silveira: relatórios, livros, roteiros de filmes e entrevistas”, coordenada por Walter Melo, com financiamento da FAPEMIG.

Submetido em: 05/04/2023. Primeira decisão editorial: 06/06/2023. Aceito em: 06/06/2023.

de biologia ou química. No entanto, eu gostaria de trabalhar questões relacionadas às humanidades. Dentre as opções que foram apresentadas na escola, escolhi a Psicologia, mas não sabia ao certo o que isso significava. A única referência de Psicologia que tive antes da graduação foi o trabalho do Serviço de Orientação Educacional (SOE) na escola em que estudava e do qual guardo boas lembranças. Contudo, não creio que esse trabalho tenha influenciado a minha escolha.

Davi Lira: Outro ponto que gostaria que você comentasse é sobre sua formação e atuação no campo da saúde e das políticas públicas. Como se deu essa aproximação e qual a importância da psicologia para a saúde coletiva?

Walter Melo: Iniciei a graduação em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1988 e me formei em 1992. Durante esse período, tive várias experiências de estágios na área da saúde, principalmente no campo da saúde mental. A primeira aconteceu no setor de psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da UERJ, sob a supervisão do professor Ademir Pacelli Ferreira. Aliás, este foi um professor fundamental na minha formação. Em seguida, iniciei estágio na Casa das Palmeiras, clínica fundada por Nise da Silveira, atuando, posteriormente, como psicólogo, supervisor e coordenador técnico. Considero os dez anos que atuei como colaborador da Casa das Palmeiras a mais importante experiência que tive na saúde mental. Quando finalizei o estágio no HUPE/UERJ, comecei outro no Hospital Jurandyr Manfredini, na Colônia Juliano Moreira. De manhã, eu ficava no hospital, à tarde na Casa das Palmeiras e à noite na UERJ. Meus dias se passavam ao redor de questões relacionadas à saúde mental, sendo de contrastes e riquezas.

É importante frisar que tudo isso aconteceu no final dos anos 80 e início dos anos 90, período fundamental para a história de nosso país e de grandes e importantes mudanças na área da saúde. Em 1985, teve início a Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a atual Constituição Federal, promulgada em 1988. A chamada Constituição Cidadã aborda questões relacionadas à saúde em seus artigos 196

a 200, afirmando-a como um direito de todos e um dever do Estado. O caráter universal da saúde é um dos pilares do Estado Democrático de Direito. Esses cinco artigos da Constituição dão as bases para a organização do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo detalhados nas Leis n. 8.080 e 8.142, ambas de 1990. Os princípios gerais dessas leis, do SUS e da participação popular, deveriam ser de conhecimento de todos e são fundamentais para a atuação dos profissionais da saúde, incluindo os psicólogos.

Nesse período há, também, uma grande efervescência de debates no campo da saúde mental. A Reforma Psiquiátrica e o movimento de Luta Antimanicomial ganham destaque nos veículos de comunicação, nos debates acadêmicos e políticos. Em 1989, o deputado federal Paulo Delgado apresentou um projeto de lei que apontava para a superação do tratamento centrado nos hospitais psiquiátricos. É evidente que havia forças contrárias, principalmente os donos de hospitais que lucravam com a denominada indústria da loucura. O projeto inicial sofreu alterações e, em 2001, foi aprovada a Lei n. 10.216, a Lei da Reforma Psiquiátrica. A criação de serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos converge com esses marcos político-legais e favorece a inserção de profissionais de diversas áreas, dentre os quais os psicólogos, compondo equipes interdisciplinares.

Penso, portanto, que os profissionais de psicologia têm grande importância para o avanço das políticas públicas de saúde, aliando os conhecimentos da clínica e da psicologia social, numa visão integral do indivíduo, das redes de saúde e de atenção psicossocial. Trata-se, portanto, de uma atuação profissional que leva em consideração os aspectos históricos, técnicos, de garantia dos direitos, de inserção em trabalho de equipe, de articulação com a sociedade, tudo isso pautado em noções de atenção psicossocial e na concepção de território de Milton Santos.

Davi Lira: No seu trajeto profissional, você explorou as possibilidades de tratamento pela expressão das imagens junto de Nise da Silveira e agora coordena, na UFSJ, um projeto de tratamento assistido por animais, no caso, o cavalo. Quais intervenções e práticas possibilitam uma melhora no cuidado em saúde mental?

Walter Melo: Sim, como falei, a experiência na Casa das

Palmeiras foi fundamental. O cotidiano nos diversos setores de atividades e o acompanhamento das séries de imagens do inconsciente fizeram-me perceber as diretrizes do trabalho desenvolvido por Nise da Silveira: liberdade, atividade e afetividade. Abordei essas questões no livro *Nise da Silveira*, publicado em 2001 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e editora Imago, que compõe a Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira. A liberdade de expressão e a liberdade de ir e vir são fatores significativos nesse método de tratamento e têm como marca registrada o fato de a porta estar sempre aberta. As atividades são divididas em dois grandes grupos: individuais e coletivas. Elas permitem a expressão de pensamentos e sentimentos, servindo como um canal de comunicação, como ponto de articulação entre clínica e pesquisa, enfim, se caracterizam como legítimos métodos terapêuticos, de caráter não verbal. Outro importante aspecto das atividades desenvolvidas na Casa das Palmeiras e que abordei no livro *Oswaldo dos Santos*, publicado em 2009 pela Fundação Miguel de Cervantes, é a organização de espaços de produção e de temporalidades diversificadas, favorecida pela alternância entre atividades individuais e grupais. A afetividade, por sua vez, se apresenta na organização de variados setores, nas imagens configuradas e no modo de estabelecer as relações com humanos e com animais. Temos, assim, um ambiente afetivo, a produção de imagens carregadas de afeto e as relações terapêuticas pautadas no afeto, funcionando como uma espécie de catalisador das forças autocurativas da psique.

A noção de afeto catalisador é fundamental na obra de Nise da Silveira e ela ressalta que uma mesma pessoa pode servir de catalisador para uns e de inibidor para outros. Dessa maneira, a observação sobre os modos como as relações são estabelecidas é extremamente importante para os processos terapêuticos. Esse aspecto é evidenciado, por exemplo, na função de coterapeutas exercida por animais, principalmente os cachorros. As observações e análises de Nise da Silveira serviram de base para que procurássemos o Centro Hípico Serra do Lenheiro que desenvolve um trabalho de equoterapia, o Projeto Thomás. Criamos o Projeto Equo: equoterapia e equidade, com a entrada de estagiários de psicologia na equipe

do haras. Dessa atividade, nasceu o projeto de mestrado que Amanda Nunes está desenvolvendo sobre as relações afetivas que permeiam esse tipo de tratamento.

O foco de nosso trabalho está em inserir o estudante em ações e debates que articulem a percepção sobre os determinantes e condicionantes da saúde apresentados no artigo terceiro da Lei n. 8.080/90, a importância da construção de equipe interdisciplinar e, para utilizarmos a nomenclatura de Emerson Merhy, a ênfase nas tecnologias leves e leve-duras, favorecendo as relações afetivas e a fundamentação teórico-metodológica. Creio que esses são importantes aspectos na atenção e cuidado em saúde.

Davi Lira: Quanto mais nos aproximamos de você e de sua obra, mais se torna evidente como o campo da arte organiza o seu pensamento, além ser tema de várias de suas pesquisas. Como a arte atravessou a sua formação e quais as possíveis articulações entre esse campo e a saúde?

Walter Melo: Além da matemática, meus interesses na infância e adolescência estavam nos esportes coletivos, como o futebol e o basquete, e nas artes, principalmente artes plásticas, literatura e música. Na fase adulta, ou seja, a partir do momento que entrei na universidade, os esportes ficaram de lado. Isso se deve à forma fragmentada como o ensino superior é organizado. E, provavelmente, aconteceria o mesmo com as artes, caso eu não tivesse entrado em contato com Nise da Silveira, frequentado o Museu de Imagens do Inconsciente e trabalhado na Casa das Palmeiras. O conhecimento produzido nesses lugares é de integração entre as diversas áreas e o fato de o método terapêutico estar pautado nas atividades expressivas, os estudos sobre as artes são fundamentais. Aliás, o meu interesse sobre as diversas expressões artísticas só cresceu. Escuto variados gêneros musicais e poderia citar inúmeros artistas que admiro e procuro conhecer as obras. Mas, todos sabem da minha predileção pelas canções de Milton Nascimento. Lembro perfeitamente do meu deslumbramento na primeira vez que vi o Grupo Galpão. A peça era *A Rua da Amargura*. Depois vi várias apresentações deles e

sempre fico maravilhado. O mesmo posso dizer sobre as apresentações da Companhia de Dança Deborah Colker e do Grupo Corpo. Também o cinema, apesar de que, nos últimos tempos, tenho visto poucos filmes. E sempre visito os museus.

A expressão artística é, para mim, uma forma de conhecer o humano e de conhecermos o mundo. Mas, esse conhecimento não acontece estritamente pelo pensamento. Acontece por fazer aflorar as emoções. Ver lado a lado obras de Gauguin e Van Gogh e as pernas tremerem. Ouvir Mozart ou Chico Buarque e a respiração ficar suspensa. Ler Machado de Assis ou Saramago e sentir a cabeça e o peito se movimentarem buscando sintonia. A arte é a instauração do humano e a psicologia só pode ganhar com a articulação com o campo das artes. As transformações que os trabalhos de Osório Cesar e de Nise da Silveira proporcionaram se devem, evidentemente, aos intensos diálogos com as artes e com os artistas.

Uma das pesquisas que desenvolvemos na UFSJ foi A Relação da Arte com o Campo da Saúde Mental, que envolveu estudantes de graduação e de mestrado, sendo organizada de maneira articulada com o Programa de Extensão Sistema de Saúde e Educação: estreitamento dos laços e ações conjuntas (Laços e Ações), no qual desenvolvemos, durante anos, oficinas no Centro de Atenção Psicossocial de São João Del Rei (CAPS Del Rei). Como fruto dessas ações, posso citar o livro *Imaginário em Exposição, Manicômios em Desconstrução*, que publicamos em 2021. E outras publicações estão sendo preparadas.

Henrique Barçante: É sempre um prazer ouvir sobre sua trajetória, professor Walter. Muitos de nós conhecemos os relatos sobre seu contato com a doutora Nise da Silveira e o impacto que ela exerceu em sua atuação como psicólogo e exerce, atualmente, em seus trabalhos na universidade. Como nem todos conhecem essas histórias, poderia nos contar um pouco? Por exemplo, qual a sua primeira lembrança de Nise da Silveira e qual a última?

Walter Melo: O primeiro contato que tive com Nise da Silveira foi em meu primeiro dia de aula na universidade, provavelmente em abril de 1988. Por uma feliz coincidência, nesse dia ela recebeu o título de Doutor

Honoris Causa da UERJ. O professor de sociologia fez a recepção dos calouros e convidou a turma para descer a um dos anfiteatros onde aconteceria a cerimônia. O anfiteatro estava lotado e as pessoas muito emocionadas. Passou o filme *Em Busca do Espaço Cotidiano*, sobre Fernando Diniz. Esse é o primeiro episódio da trilogia *Imagens do Inconsciente*, dirigida por Leon Hirszman. Nise da Silveira entrou e foram feitas as homenagens. Fiquei muito impressionado com tudo o que tinha visto, principalmente o filme. Nas férias de julho, eu e alguns colegas começamos a estudar alguns livros de Psicologia Analítica. Em agosto, eu e uma colega estávamos entrando na UERJ por um de seus portões laterais e ela me mostrou um cartaz sépia pregado em uma pilastra. O cartaz tinha o rosto de Nise da Silveira e anunciava uma exposição da Casa das Palmeiras no Museu do Ingá, em Niterói/RJ, organizada por Marco Lucchesi. A exposição já tinha terminado, mas no cartaz havia o telefone da Casa das Palmeiras. Telefonei e me disseram que haveria um curso para selecionar novos estagiários. Fui até a Casa das Palmeiras e fiz a inscrição. Creio que foram seis aulas e, para minha surpresa, a primeira foi com Nise da Silveira em sua biblioteca. Fiquei maravilhado. As aulas seguintes foram com Alice Marques dos Santos, Philippe Bandeira de Mello, Gilza Prado e Antônio Mendel. A última aula foi novamente com Nise da Silveira. Nesse dia troquei as primeiras palavras com a médica e ela fez uma dedicatória no meu exemplar do livro *Imagens do Inconsciente*. Assim, comecei o estágio na Casa das Palmeiras.

A última vez que a vi, foi em uma rápida visita no hospital onde ela estava internada após uma queda. Poucos dias depois, ela faleceu.

Henrique Barçante: Entre esses dois extremos tão importantes e impactantes, definitivamente muito aconteceu. Como você descreveria a experiência de estagiar e trabalhar com a doutora Nise da Silveira e sua equipe?

Walter Melo: A oportunidade de trabalhar na Casa das Palmeiras foi um divisor de águas na minha vida e também na de muitas outras pessoas. O que mais me impressionou foi a liberdade para pensar e agir. E, ao mesmo tempo, um compromisso e um rigor com os estudos, para que os argumentos fossem bem

fundamentados. Penso que essas duas características, liberdade e rigor, sintetizam a obra de Nise da Silveira. Pude ver essa marca em vários de seus colaboradores. Não só na Casa das Palmeiras, mas também no Museu de Imagens do Inconsciente. Outro ponto de extrema importância é o fato de sempre trabalharmos em equipe. Trago comigo essas marcas para o meu trabalho, tanto no período em que atuei como psicólogo — no Instituto Franco Basaglia (IFB), como residente do HUPE/UERJ, no setor de emergência do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ) e no Espaço Artaud — quanto em minhas atividades como professor universitário. Costumo dizer que trago a Casa das Palmeiras em mim.

Henrique Barçante: Ao longo dessas experiências tão férteis e diversas, quais você diria que foram os principais ensinamentos que teve na Casa das Palmeiras e como os aplicou em sua vida clínica e acadêmica?

Walter Melo: Antes de responder, é preciso dizer que as experiências de trabalho no IFB e no HPJ, assim como a residência no HUPE/UERJ e no Espaço Artaud também foram muito significativas. Mas, respondendo sua pergunta, posso dizer que as observações que fiz acerca das diretrizes de trabalho de Nise da Silveira — liberdade, atividade e afetividade — foram fundamentais em meu trabalho como psicólogo e, também, como professor. Outro aspecto de suma importância foi a constatação de a emoção interferir nas capacidades cognitivas. Não em seus possíveis aspectos de desorganização e desorientação, mas exatamente o contrário, na possibilidade de as emoções serem o fator preponderante no tratamento, mas serem, de igual maneira, importantes nos processos pedagógicos, pelo fato de aguçarem a curiosidade e intensificarem os processos de ensino-aprendizagem.

Henrique Barçante: Nise da Silveira escreve a um dos seus mestres já falecido, Baruch Spinoza, um livro de cartas que magistralmente integram afeto, fantasia e pesquisa, elementos também presentes em sua prática, professor. Se pudesse enviar uma carta à Nise no estilo do livro dela, sobre o que escreveria e por quais motivos?

Walter Melo: Nossa, essa é uma pergunta difícil.

Mas, vamos lá. Escreveria três cartas. Uma para dizer que os jovens se interessam cada vez mais por sua obra e lembraria o desejo que ela nutria de ver os estudantes com o livro *Imagens do Inconsciente* nas mochilas. Aproveitaria, então, para contar um pouco do que estamos fazendo na UFSJ, no Grupo Caminhos Junguianos e na Cátedra Nise da Silveira. A comunicação com os jovens era fundamental para ela e esse seria o motivo de escrever e falar sobre o interesse da juventude. Mas, escreveria, também, sobre um assunto de extrema importância na obra de Jung e dela própria: a autonomia do mal. Os duros momentos que vivemos nos últimos anos seriam abordados de modo tangencial e afirmaria que as suas ações transformadoras servem de contraponto a esses terríveis dissabores. A última carta complementar a segunda, pois partiria da ideia de Jung de que vivemos o tempo dos grandes destruidores e que o cavaliño azul de Emygdio de Barros nos aponta para uma possível saída que assegura a capacidade que temos em construir.

Sarah Bomfim: Lembro de você comentar que se tornar professor era uma responsabilidade que tinha que cumprir após seu contato com Nise da Silveira e a Casa das Palmeiras. Você pode comentar mais sobre como essa experiência contribuiu para a sua decisão de se tornar professor e em sua formação para exercer esse ofício?

Walter Melo: Como disse antes, tive outras experiências muito importantes. Creio que o conjunto dessas experiências, principalmente, na Casa das Palmeiras, mas também no IFB, e o encontro com profissionais de extrema relevância, como Gina Ferreira, Lula Wanderley, Alice Marques dos Santos, Pedro Gabriel Godinho Delgado, Paulo Amarante, Luiz Carlos Mello, Eurípedes Gomes da Cruz Junior, Gladys Schincariol, Ademir Pacelli Ferreira, Sheila Orgler, Jaime Lisandro Pacheco e tantos outros, possibilitaram que eu tivesse uma formação única, misto de sorte e dedicação.

Pensei, então, que esse conhecimento poderia ser ampliado. Assim, fiz o mestrado em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob orientação de Monique Augras. A dissertação foi publicada, posteriormente, no livro

O Terapeuta como Companheiro Mítico: ensaios de psicologia analítica. E, depois, o doutorado em Psicologia Social na UERJ, defendendo a tese *Ninguém Vai Sozinho ao Paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil*, com a orientação de Luiz Felipe Baêta Neves Flores. A tese foi defendida em março de 2005 e, em agosto do mesmo ano, comecei a trabalhar como professor visitante no DPSIC da UFSJ. Em março de 2008, passei em concurso público na mesma universidade e fui efetivado como professor. Respondendo à sua pergunta: a minha ideia era de poder transmitir os conhecimentos que recebi no cotidiano de trabalho no campo da saúde mental para, pelo menos, dois estudantes. Dessa maneira, teria duplicado o campo de ação. Posso afirmar, com satisfação, que já fizemos mais que isso e ainda temos o que fazer.

Sarah Bomfim: Os debates sobre o Novo Ensino Médio foram recentemente intensificados e me fizeram lembrar que, na UFSJ, além da Cátedra Nise da Silveira há, também, a Cátedra Paulo Freire. Quais aproximações você considera possíveis entre as obras desses dois grandes brasileiros? Ainda nesse sentido, que contribuições você acha que o trabalho de Nise da Silveira pode ter para o campo da educação?

Walter Melo: Esse é um dos aspectos da pesquisa que desenvolvo atualmente no pós-doutorado. Então, não tenho ainda material suficiente para responder suas perguntas, o que espero fazer até fevereiro de 2024. Mas, posso adiantar algumas ideias: o paralelo entre a importância do afeto no método terapêutico de Nise da Silveira e nos processos pedagógicos desenvolvidos por Paulo Freire; e estamos experimentando as diretrizes de trabalho de Nise da Silveira (liberdade, atividade e afetividade) na organização da equipe de pesquisa do Grupo Caminhos Junguianos, articulando-as com as proposições de Paul Feyerabend.

Sarah Bomfim: Em seu período de docência, você pôde acompanhar os efeitos de políticas para expansão da educação superior, como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e a Lei das Cotas, n. 12.711, de 2012. Contemplando sua trajetória docente, que mudanças observou na universidade

ao longo desse tempo? Que mudanças você percebe na formação de psicólogos?

Walter Melo: A expansão das universidades federais trouxe muitos avanços, como os concursos para professores e técnicos para trabalharem em *campi* avançados. Eu mesmo passei em concurso na UFSJ para trabalhar, inicialmente, no município de Divinópolis, no *campus* dedicado a cursos da saúde. Levando em consideração que grande parte das pesquisas em nosso país são desenvolvidas pelas universidades federais, a inserção dessas instituições em diversos municípios do interior possibilita que surjam novos temas e novos modos de fazer pesquisa. Esse processo já está em curso e, em pouco tempo, veremos os resultados daí advindos.

Em relação à Lei das Cotas, penso que é extremamente necessário que tenhamos a diversidade que encontramos nas ruas de nossas cidades também nas universidades. Já podemos perceber uma mudança nos debates em sala de aula e nos temas de pesquisa, analisando diferentes formas de preconceitos e novas maneiras de conceber as relações humanas e com o planeta. Esse conjunto de ações favorece o surgimento de novas formas de produção de conhecimento e devem convergir com o fortalecimento dos ensinos fundamental e médio em nossas escolas.

Sarah Bomfim: Temos trabalhado cada vez mais com a importância do lugar de sujeito do pesquisador e sua “equação pessoal”, como é chamada na Psicologia Analítica. Enquanto pesquisador, como foram os processos de escolha dos seus objetos de pesquisa ao longo da carreira docente? Você vê uma linha em comum, um fio condutor?

Walter Melo: A minha pesquisa de mestrado foi sobre a variedade de procedimentos metodológicos que podemos desenvolver na clínica, a partir dos pressupostos da Psicologia Analítica. No doutorado abordei diversos aspectos do percurso de Nise da Silveira, privilegiando temas importantes de sua obra e não o enaltecimento de sua figura. Considerava que uma espécie de santificação de Nise da Silveira impossibilitava o estudo sistemático de sua obra. Penso que a tese foi fundamental para marcar a necessidade de termos pesquisas sobre

os trabalhos desenvolvidos no Museu de Imagens do Inconsciente e na Casa das Palmeiras. Na UFSJ sempre busquei articular ensino-pesquisa-extensão e, às oficinas organizadas no CAPS Del Rei, aliei a pesquisa anteriormente citada sobre a relação entre a arte e a saúde mental. Posteriormente, abordamos as diferentes concepções sobre a promoção da saúde, variando entre os estilos de vida e as ações intersetoriais. Estamos finalizando uma ampla pesquisa sobre a construção do discurso na obra de Nise da Silveira. Essas pesquisas têm como principal objetivo o ensino sobre a prática de um pesquisador, ou seja, o foco é a iniciação científica. Aos poucos, construímos um grupo que congrega de estudantes de graduação a pesquisadores em nível de pós-doutorado. Essas pesquisas partem de intensos diálogos que estabeleço com os estudantes e, dos pontos de interesses em comum, nascem os possíveis temas e, então, são construídos os objetos de pesquisa e os fundamentos teórico-metodológicos. O fio condutor é, portanto, a dialogicidade.

Contribuição

Os pesquisadores declaram não haver conflitos de interesse.

Walter Melo

Professor Associado IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Grupo Caminhos Junguianos e da Cátedra Nise da Silveira. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Pós-doutorado pela Sorbonne.

José Davi de Almeida Lira

Psicólogo pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

E-mail: davilira98@gmail.com

Henrique Barçante

Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

E-mail: henriquebarcantearaujo.psi@gmail.com

Sarah Stella Bomfim

Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

E-mail: bomfim.sarah@gmail.com